



Arquivo recebido em
15 de março de 2012
e aprovado em
20 de maio de 2012

V. 2 - N. 3 - 2012

* Pós-doutorando em
Letras pela PUC-Rio.
Doutor em Teologia
Sistemática pela PUC-
Rio, pesquisador da
Cátedra UNESCO de
leitura da PUC-Rio.

DOI - 10.19143/2236-9937.2012v2n3p72-80

Nomear Deus: uma tarefa teológica inacabada. Contribuições de Paul Ricoeur.

**Naming God: a theological task
unfinished.**

Contributions of Paul Ricoeur.

*Alessandro Rodrigues Rocha**

Resumo

O presente trabalho visa apresentar a contribuição de Ricoeur em pensar uma linguagem mais adequada, ou menos inadequada, para nomear o Mistério, passando do fechamento conceitual à abertura polissêmica da metáfora, presente na narratividade que se constitui antes de tudo como um voltar-se à experiência.

Palavras-chave: Paul Ricoeur, nomear Deus, Narratividade, Metáfora.

Abstract

This paper presents the Paul Ricoeur's thought about the most appropriate language to naming God, from the closing conceptual to the opening polysemic metaphor present in narrativity that is primarily as a back up to the experience.

Keywords: Paul Ricoeur, naming God, Narrativity, Metaphor.

“Por favor, por favor!”

Disse um peixe do mar a um outro peixe:
“Você que deve ter mais experiência,
talvez possa ajudar-me... Então me diga:
Onde posso encontrar a coisa imensa
que chamam de Oceano? Em toda a parte
eu o venho buscando sem sucesso.”

“Mas é precisamente no Oceano
que você está nadando”, disse o outro.
“Oh... isto? Mas é pura e simplesmente água!”
Disse o peixe mais jovem, “eu procuro
é o grande Oceano!” E lá se foi nadando,
muito desapontado, a buscar noutra parte!

Introdução

Ao iniciarmos essa reflexão sobre a tarefa inacabada da nomeação de Deus, se faz necessário precisar propriamente o que distingue a experiência teológica da experiência religiosa geral. Essa tarefa tem como propósito central circunscrever aquilo que seria o próprio da teologia. Com isso estamos dizendo que há uma tarefa específica que cabe inalienavelmente à teologia. De forma sintética afirmamos: a diferença entre experiência religiosa e experiência teológica é que esta ousa nomear o Sagrado e sua presença, chamando-o “Deus”.

Essa é, portanto, uma diferença substantiva. A experiência teológica parte do dado colocado pela experiência religiosa: “há uma presença a ser experimentada...”. Contudo, não pára nesse dado, o nomeia, mesmo que para isso tenha que ousar dizer o indizível. Ousar, portanto, significa que a teologia tenta nomear o inominável e, o faz da única forma possível: no recurso dialético da linguagem, da mediação cultural.

1. MELLO, Anthony. *O canto do pássaro. Contemplar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus*. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2003. p.22.

1 – Das possibilidades e desafios da teologia frente a tarefa de nomear Deus.

A teologia e, mais especificamente o teólogo, é aquela que diante de uma presença que o interpela, ousa perguntar-lhe por seu nome², tanto para qualificar sua experiência, quanto para comunicá-la³, nisto consistem suas melhores possibilidades e seus mais difíceis desafios. Tais possibilidades e desafios são abordadas com acuidade por Leonardo Boff em seu livro *Experimental Deus. A transparência de todas as coisas*. Ali L. Boff faz uma importante discussão sobre as possíveis armadilhas inerentes ao desafio de criação e recriação da linguagem no processo de nomeação de Deus.

L. Boff estabelece sua exposição a partir de três momentos onde a linguagem tenta sistematizar a experiência de fé. O primeiro momento ele chama de “saber-imanência-identificação”⁴ Nele, “a palavra está a serviço do que experimentamos de Deus. Fixamos uma representação. Inicialmente não temos ainda consciência de que se trata apenas de uma representação daquilo que não pode ser representado”⁵.

Deus é identificado com os conceitos que dele fizemos. Ele habita nossos conceitos e nossas linguagens. Elaboramos doutrinas sobre Deus e sobre o mundo divino, doutrinas que se encontram nos vários credos e nos catecismos. Com tal procedimento tentamos encher de sentido último e pleno nossa vida. Deus pode ser encontrado na intimidade do coração⁶.

O segundo momento, que L. Boff chama de “não-saber-transcendência-desidentificação”⁷, é caracterizado quando, pela experiência de

2. Cf. Êxodo 3. 13-15.

3. Cf. RICOEUR. Paul. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*. In RICOEUR. Paul. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 195.

4. BOFF, Leonardo. *Experimental Deus. A transparência de todas as coisas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.13.

5. Ibid.

6. Ibid.

7. Ibid. p. 14

Deus, damo-nos conta da insuficiência de todas as imagens de Deus. Tudo o que dele dizemos é figurativo e simbólico. Ele está para além de todo o nome e desborda de todo o conceito.

Pode surgir uma teologia da morte de Deus: decreta a morte de todas as palavras referidas ao divino, porque elas mais escondem do que comunicam Deus. Não sabemos mais nada; desidentificamos Deus das coisas que dizemos dele. Por aí entendemos o lema dos mestres zem: “Se encontrases Buda, mata-o”. Se encontrases Buda, não é o buda – é apenas sua imagem. Mata a imagem para estares livres para o encontro com o verdadeiro Buda⁸.

Logo após este momento transitório de relativização de um discurso teológico cristalizado, L. Boff diz que:

Num terceiro momento da experiência de Deus, reabilitamos as imagens de Deus. Após tê-las afirmado (A), tê-las negado (B), agora criticamente nos reconciliamos com elas. Assumimo-las como imagens e não mais como a própria identificação de Deus. Compreendemos que nosso acesso a Deus só pode ser feito através das imagens. Começamos a saboreá-las porque estamos livres diante delas. Elas são andaimes, não a construção, e as acolhemos como andaimes⁹.

2 – Do fechamento conceitual-unívoco à abertura metafórico-polifônica.

De tal ousadia – do desafio (e seus riscos) de nomeação de Deus – derivam duas posturas ou estratégias discursivas que determinam a própria concepção que a teologia terá de sua tarefa. Por um lado pode surgir uma postura conceitual-unívoca, que a partir de procedimentos especulativos arroga para si a condição de qualificar univocamente a experiência que tem da presença do Sagrado. Desta forma aconteceria uma identificação da experiência da presença com a própria presença. A

8. Ibid. p. 15.

9. Ibid. p. 15-16.

nomeação dessa presença passaria a corresponder exatamente a esta em toda a sua espessura.

Outra postura possível diante da emergência da experiência de tal presença é a metafórico-polifônica, que superando a univocidade abre-se à equivocidade do discurso¹⁰. A teologia e o próprio teólogo sabem-se diante do Mistério desvelado, ousam nomeá-lo, não obstante reconhecem que essa é uma tarefa que se faz sempre de forma inacabada, frágil, aberta. Ou seja, sem sandálias nos pés¹¹.

Neste caso, tanto a experiência em si quanto sua comunicação são carregadas da consciência da assimetria que há entre a presença e a possível experiência com esta. Se a postura conceitual é geradora de univocidade discursiva, a postura simbólica é francamente aberta à expressividade polifônica.

Atento para as discussões sobre posturas e estratégias discursivas no processo de nomeação das experiências teológicas judeu-cristãs originárias, Paul Ricoeur em seu artigo “*Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*” faz a seguinte observação:

A nomenclatura de Deus nas expressões originárias da fé não é simples, mas múltipla. Ou antes, ela não é monocórdia, mas polifônica. As expressões originárias da fé são formas complexas de discurso são tão diversas quanto narrações, profecias, legislações, provérbios, preces, hinos, formulas litúrgicas, escritos sapienciais. Essas formas de discurso nomeiam Deus todas juntas. Mas elas o nomeiam diversamente¹².

A compreensão da realidade polifônica que subjaz toda tentativa de nomear Deus, própria da postura metafórico-polifônica,

10. Paul Ricoeur discute os temas da univocidade e da equivocidade em sua obra *A metáfora viva*, onde argumenta que na perspectiva da adesão à dimensão metafórica da palavra (também da palavra teológica) a equivocidade ganha proeminência frente à univocidade. Cf. RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000. 391-482.

11. Cf. Êxodo 3. 5.

12. RICOEUR, Paul. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*. In RICOEUR, Paul. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 190.

conduz P. Ricoeur a uma abordagem ao texto Sagrado que se orienta por sua narratividade. Em seu texto *A hermenêutica bíblica* P. Ricoeur afirma: “Meu ensaio é consagrado principalmente às dificuldades que uma teologia narrativa está condenada a enfrentar. Mas eu não embarcaria em uma tarefa aparentemente contrária ao fim procurado se não estivesse convencido de que vale a pena reconstruir a teologia sobre uma base narrativa¹³”.

Desta forma P. Ricoeur faz uma passagem do fechamento de sentido presente no conceitualismo da abordagem conceitual-unívoca, para uma abertura de sentido da narratividade que é expressa na abordagem metafórico-polifônica. Ele mesmo afirma essa passagem quando diz:

Finalmente, partilho de suas [da teologia narrativa] recusas e de suas suspeitas: a recusa de uma teologia puramente especulativa, que esvaziaria de seu discurso toda referência às narrativas sobre Israel, Jesus e a Igreja primitiva; a recusa de uma teologia de orientação moral, que só reteria os ensinamentos atemporais de um monoteísmo ético; além disso (e desses três pontos esse é o mais delicado), uma antipatia por uma teologia existencial indiferente à dimensão histórica, que estaria exclusivamente atenta a irrupção da palavra no instante da decisão da fé. Aceito igualmente as afirmações que subentendem essas recusas¹⁴.

3 – Do conceitualismo à narratividade.

Aprofundando ainda mais o significado de sua adesão à narratividade como expressão mais adequada à teologia na tarefa de nomear Deus e, as relações derivadas de tal exercício, P. Ricoeur apresenta algumas implicações importantes à discursividade teológica.

13. RICOEUR. Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 285.

14. *Ibid.* p. 286.

Primeiro, o discurso teológico, por conceitual que possa e deva ser, só pode elaborar o horizonte de significação implícito às narrações e símbolos constitutivos das tradições judaica e cristã. Segundo, se o discurso teológico não consiste em extrair generalidades sem substância das narrações relatadas pelas Escrituras, deve destacar a inteligibilidade imanente às narrativas contadas, a partir de nossas próprias histórias e narrativas individuais e comunitárias. Finalmente, em contraste com uma teologia existencial que exalta o instante da decisão, uma teologia narrativa leva em conta a longa duração de uma história de muitos milênios, tal como está concentrada nos dois Testamentos¹⁵.

Com isso, podemos dizer que nomear Deus a partir de uma postura discursiva metafórico-polifônica constitui antes de tudo um voltar-se à experiência mesma da presença de Deus na longa duração da história de pessoas e povos, não tanto às palavras fixadas que decorrem de tal experiência. P. Ricoeur afirma acerca desta questão que “é preciso dizer que nomear Deus é em primeiro lugar um momento de confissão narrativa. É na ‘coisa’ contada que Deus é nomeado. Isso contra certa ênfase das teologias da palavra que observam apenas acontecimentos de palavra¹⁶”. A “coisa contada” não é outra coisa que não o testemunho da densidade epifânica da presença de Deus na história corrente de pessoas e povos e, sobretudo, nessa história como narrada nas Escrituras Sagradas (que só são Sagradas em função de tal densidade).

Contornando ainda mais a precedência da experiência no processo narrativo de nomeação de Deus P. Ricoeur afirma que “Um texto é primordialmente um anel em uma corrente comunicativa: em primeiro lugar, uma experiência de vida é levada à linguagem, torna-se discurso; depois, o discurso se diferencia em fala e em escrita [...] a escrita, por sua vez, é restituída à fala viva por meio dos diversos atos do discurso que reatualizam o texto¹⁷”. E, em fim, “A leitura e a pregação são atualizações

15. Ibid.

16. RICOEUR. Paul. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*. In RICOEUR. Paul. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 191.

17. Ibid., p. 184.

desse tipo na fala da escrita. Um texto é, sob esse ponto de vista, como uma partitura musical que pede para ser executada¹⁸.

A execução de tal partitura se dá continuamente na relação entre o sujeito que é o texto e o sujeito que o lê e o interpreta. Desta forma ocorre uma superação do vício objetivista que impõe ao texto a exclusividade da ocorrência de sentido. A afirmação dessa intersubjetividade leva a que “alguns críticos, reagindo contra o excesso do texto em si, chegam até mesmo a dizer que é o “leitor no texto” que completa o seu sentido, por exemplo ao completar as suas lacunas, resolvendo as suas ambigüidades, até mesmo corrigindo a sua ordem narrativa ou argumentativa”¹⁹.

A primazia do voltar-se à experiência de Deus no processo ousado de nomeá-lo reforça a postura discursiva teológica metafórico-polifônica em seu estado de inacabamento e abertura. Mais uma vez P. Ricoeur observa que “O referente ‘Deus’ não é apenas o indicador do pertencimento mútuo das formas originárias do discurso da fé, ele também é o seu inacabamento. Ele é a sua visada comum e o que escapa a cada uma delas²⁰”.

Como na epígrafe de Anthony de Mello, o próprio da tarefa teológica frente a possível experiência da desvelada presença do Real é dizer como o peixe mais experiente: “Mas é precisamente no Oceano que você está nadando²¹”. Esta ousadia de nomear coloca ao fazer teológico sua mais radical tarefa: fazer discernimento junto à comunidade que pergunta, mesmo sem palavras precisas: “Por favor, por favor!” Disse um peixe do mar a um outro peixe: “Você que deve ter mais experiência, talvez possa ajudar-me... Então me diga: Onde posso encontrar a coisa imensa que chamam de Oceano?”²².

18. Ibid.

19. Ibid.

20. Ibid., p. 195.

21. MELLO, Anthony. *O canto do pássaro. Contemplar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus*. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2003. p.22.

22. Ibid.

Conclusão.

Nomear Deus: eis a tarefa permanentemente hercúlea que a teologia tem diante de si. Como encarar tal desafio e suas possibilidades? Não concebemos outra possibilidade fértil e contemporânea senão a que foi identificada aqui como metafórico-polifônica. Esta compreende sua ação como um empreendimento teológico inacabado.

No sentido de sustentar a postura metafórico-polifônica tomamos as contribuições de P. Ricoeur, tanto no que diz respeito à questão da nomeação de Deus propriamente dita, quanto da estratégia de leitura que dê conta de tal postura.

Por fim, enfrentamos as possibilidades e desafios da teologia frente a tarefa de nomear Deus e, avançamos do modelo de fechamento conceitual-unívoco à abertura metafórico-polifônica, o que corresponde do ponto de vista epistemológico ao deslocamento que vai do conceitualismo à narratividade.

Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Experimental Deus. A transparência de todas as coisas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- MELLO, Anthony. *O canto do pássaro. Contemplar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus*. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- RICOEUR, Paul. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*. In RICOEUR, Paul. *Leituras 3. Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006